

Escrita proibida: o viés erótico na poesia de Caio Fernando Abreu
Forbidden writing: the erotic bias in the poetry by Caio Fernando Abreu

José Pereira dos Santos Filho¹
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar de que forma a obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, publicada em 2012, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, organizada pelas pesquisadoras Letícia da Costa Chaplin e Márcia Ivana de Lima e Silva retratam o erotismo, proibido na sociedade que vivia dominado pela Ditadura Militar no Brasil. Partindo desse pressuposto, consideramos as atitudes, o silenciamento e realização dos desejos, mais especificamente nas poesias dos anos 1970 e 1980, que ajudam a consolidar essa relação entre o desejo e a proibição do mesmo. A análise dessas poesias representativas do contexto histórico, a presença devido ao medo vivido, a monotonia de vida e vontade de se livrar de tal situação. *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu* apresenta de forma relevante, significativa e irônica uma multiplicidade de significados que transmitem todo o amargo, melancolia, medo, dúvida e esperança de uma geração e também, relações homoafetivas e homoeróticas em forma de poesia.

Palavras-chaves: Poesia; Erotismo; Ditadura Militar.

Abstract: The objective of this work is to analyze how *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, by the Brazilian writer Caio Fernando Abreu, published in 2012, organized by the researchers Letícia da Costa Chaplin and Márcia Ivana de Lima e Silva, portrays eroticism, forbidden in a society that was dominated by the Military Dictatorship in Brazil. Based on this assumption, we analyze the attitudes, the silencing and fulfillment of desires, specifically in the poems of the 1970s and 1980s, which help to consolidate this relation between desire and its prohibition. The analysis of these poems representing the historical context, the presence due to the experience fear, the monotony of life and the will to get rid of such a situation. *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu* presents in a relevant, meaningful and ironic way a multiplicity of meanings that convey all the bitter, melancholy, fear, doubt and hope of a generation, as well as homofeit and homoerotic relations in the form of poetry.

Key-words: Poetry; Eroticism; Military Dictatorship.

Recebido em 10 de maio de 2018
Aceito em 15 de julho de 2018

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: josefilhooi@hotmail.com

1 Introdução

Caio Fernando Abreu, “um dos escritores mais importantes de sua geração, que continua a manter forte influência sobre os autores mais estudados pela crítica acadêmica brasileira”, nos apresenta mais um motivo para continuarmos a amá-lo pelo que escreveu: a beleza (ainda que amarga) de sua poesia. (MELO, 2012).

Em meio a um ambiente repressivo no Brasil nos anos 70 e meados dos anos 80 é possível observar a ausência de fenômenos artísticos estáveis, o militarismo da época bloqueava todas as formas de liberdade individual, em que ser diferente era algo inaceitável, portanto deveria ser descartado. Durante esse período, o Brasil era governado sobre o regime de uma Ditadura Militar, foi nos anos 70 que ela atingiu o ápice, esse regime censurava todos os meios de comunicação e aqueles que tinham opiniões divergentes. A economia ainda estava com o milagre econômico, o termo “milagre” está relacionado com o rápido crescimento econômico que o Brasil passou no período da Ditadura, porém esse milagre começa a acabar pela crise do petróleo.

As pessoas da época ouviam *rock*, houve uma dissipação dos meios de comunicação de massa, como o jornalismo, a televisão, revistas, e outros veículos da indústria cultural no país. Nesse contexto de repressão, a música sofreu mais com a censura, pois ainda é um meio de entrar no inconsciente das pessoas e as fazerem refletirem sobre diversas situações. Essa dissipação ocorreu como resposta à proibição por parte dos governantes de divulgação da situação em que estava o país. Os protestos de contra cultura eram cada vez mais evidentes, ouvia-se os Beatles, os *punks* com sua agressividade visual e os *hippes* também influenciaram as vestimentas. O lema da época era: sexo, drogas e *rock'n'roll*. Os protestos dos estudantes foram fatos marcantes e o preconceito com as pessoas portadoras do vírus da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) era muito severo, pois até mesmo pessoas bem instruídas tinham nojo das outras pessoas. Além do fato da doença ser considerada mortal, pois pouco se sabia sobre o assunto, formas de transmissão e de tratamento. O preconceito era tamanho que a morte social do soropositivo precedia a morte física. A discriminação causa vários tipos de mortes que abalam as pessoas até hoje.

Podemos considerar as obras de Caio Fernando Abreu como semiautobiográficas, pois diversas situações retratadas em seus escritos foram vividas por ele. O autor gaúcho publicou onze livros. Conquistou prêmios nacionais por duas vezes, como o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Nasceu na pequena cidade

Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, no dia 12 de setembro do ano de 1948 e veio a falecer vítima do vírus da AIDS em Porto Alegre, Rio Grande do Sul no dia 25 de fevereiro do ano de 1996. Em sua vida acadêmica estudou Letras e Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Não concluindo nenhuma, pois se dedicou em 1968 aos escritos em jornais e revistas de grande circulação do país, na época como a extinta *Manchete*, a *Veja*, jornais como *O Correio do Povo*, *A Zero Hora*, *A Folha de São Paulo* e o *Estado de São Paulo*. Por causa de suas ideias contraditórias no ano seguinte ele é perseguido pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) que era um órgão do governo ditatorial da época. Com isso ele se refugia no sítio da escritora e amiga Hilda Hilst, em Campinas, no Estado de São Paulo. Depois disso decide viver e espalhar suas ideias de contracultura pelo Brasil e exterior.

Caio, desde os tempos em Santiago do Boqueirão, evidenciava as características que viriam a compor a personalidade do escritor: o enfrentamento, a busca de uma identidade, a vivência de experiências à procura de um significado maior na vida. Dono de uma personalidade autêntica e de um temperamento irônico, Caio, por vezes assumia uma postura extremamente introspectiva, passando dias incomunicável, trancado no seu quarto [...]. (CHAPLIN e SILVA apud ABREU, 2012, p.5).

Não tinha receios de fazer o que tinha vontade: viajou pela Europa e outros países. Viajava com uma mochila nas costas, trabalhou como garçom em Estocolmo e ainda pensava em trabalhar como *hippie* no Rio de Janeiro. Nos anos 90 viaja a Londres e lança *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. Em 1994 escreve em sua coluna semanal do jornal *O Estado de São Paulo*, várias cartas que são chamadas de *Cartas para Além do Muro*, onde declara publicamente ser portador do vírus HIV. Esse contexto de contracultura dos anos de 1960 e 1970 citado anteriormente é mais bem esclarecido com a visão dos movimentos que o compõem. São eles: a ideologia “paz e amor”, a rebeldia estudantil, o movimento negro, a revolução sexual, o início do feminismo e o movimento gay, em meio ao panorama das ditaduras latino-americanas. As obras de Caio Fernando Abreu tiveram como influências esse momento histórico do Brasil e do mundo, que retratam personagens sombrios, angustiados, com obsessão pela morte e pela busca desesperançada de amor e sexo.

Em 2012 foi lançada a obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu* do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. Obra poética tão precisa e relevante com as palavras. Segundo os críticos da época, editoras, jornais e revistas, ele conviveu no contexto da Ditadura Militar no Brasil, com o fato de ser soropositivo, enfrentando

assim, um árduo preconceito. Ser soropositivo fez surgir várias obras cuja temática transportava os sofrimentos e desejos coletivos para o texto literário. Em *Poesias Nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*, há um retrato cronológico a partir da década de 1960 de seus sofrimentos, desejos e angústia até a véspera de sua morte. Essas poesias buscam expressar as diversas manifestações comportamentais que ocorriam na época e nos dias de hoje ao tratar temas psicológicos e sociais envolvendo sentimentos como dor, medo, morte, melancolia e esperanças sempre ocultadas. Nesse sentido, podemos dizer que a literatura retratava o social, pois “[...] no início do século XIX “começou-se [...] a contestar as teorias até então reinantes” e a associar as obra primas, suas belezas, bem como seus defeitos, ‘às circunstâncias da época, ao contexto social’”. (COMPAGNON, 2011, p.13). Nota-se, portanto, a relação existente entre a produção literária, contexto de produção, qualidades e defeitos do fazer literário presentes em todas as obras, principalmente as do autor Caio Fernando Abreu.

Viver em um ambiente de repressão fez com que várias pessoas se calassem diante da política ditatorial impositiva da época. Sentimentos de nostalgia, melancolia, suicídio, medo, e outros se sobrepunham sobre sentimentos de esperança, amor e liberdade. Partindo desse pressuposto, analisaremos o erotismo nas poesias do autor, uma vez que o assunto em questão era proibido na época da Ditadura Militar e sempre presente durante sua produção poética. Amores proibidos, incredulidade, nostalgia, melancolia, medo, solidão morte e desejos carnavais são representados na literatura através da poesia do autor. Na obra *Poesias Nunca publicadas de Caio Fernando Abreu* o autor retrata as situações que viveu representando a realidade através de seus versos. Dessa forma, pode-se afirmar que sua obra poética representa a si mesmo e ao outro enquanto ser humano, colocando

2XVI

quero escrever as coisas mais vadias
só porque minhas mãos estão tão frias
quero escrever as coisas mais amargas
e não encontro rima
nem motivo.

2 e 3 de maio de 1979.(ABREU, 2012, p.69).

A obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu* se insere nesse contexto, no qual pessoas sonhavam com a sociedade livre e são forçadas a reconhecer os limites de sua liberdade. Mesmo assim, o tema erótico, proibido na época, é retratado por vários autores como Hilda Hilst e outros.

Falar em poesia é retratar a realidade de forma simplificada. Por ser um texto curto, não deixa de ter valor menor. Pelo contrário, as palavras reduzidas são mais complexas de serem analisadas. Estruturas poéticas carregam em si vários aspectos da subjetividade, que pode ser entendida como o espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele “instala” a sua opinião ao que é dito. Nesse aspecto, podemos chamar de mundo interno, com o qual ele se relaciona com o mundo social chamado também de mundo externo, resultando dessa forma em marcas singulares, específicas na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. Como afirma Paz (2012, p.191):

O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra, tanto quanto sua luta para transcendê-la. Isso permite uma indagação sobre a sua natureza como algo único e irredutível e, simultaneamente, considerá-lo [...] O poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. (PAZ, 2012, p. 191).

Falar de erotismo remete a ideia de algo instigante para alguns e banal para outros, pois retratar aquilo que pouco é evidenciado cotidianamente causa certo estranhamento em algumas pessoas. A sexualidade sempre foi vista como algo errado e proibido. Foucault (1988, p. 9 - 10) argumenta que:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir [...] um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais.

As obras de Caio Fernando Abreu, principalmente as poesias compactuam desse viés de considerar a criação literária e o momento histórico arraigando os princípios morais, denunciativos em forma de arte, diminuindo a tensão existente entre os problemas e a exposição dos mesmos.

Essa é uma das grandes importâncias dos estudos literários: transpor a lacuna entre a obra e representação social, pois “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar para fundo para dentro dela. [...] Pois o teor de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais.” (ADORNO, 2003, p. 66). A literatura representa o ser humano em suas diversas vertentes, através dela o homem é colocado com objeto de estudo em uma perspectiva subjetiva que lhe dá

importâncias múltiplas. Quando escrevemos um texto literário, estamos falando de nós mesmos, e de outros infinitamente.

Em relação ao erotismo, temos a década de 1960 e a emblemática poesia 5 – com o título de “Breve Memória” dedicada a Antônio Bivar. Essa poesia nos mostra na sua segunda parte um erotismo implícito, calcado no desejo e no sentido ambíguo das palavras:

5 - Breve Memória*

Na dimensão exata de teu corpo
 cabe meu ser
 cabe meu vôo mais remoto
 cabem limites, transcendências.
 Na dimensão do corpo que tu tens
 e que eu não toco
 cabe o verso torturado
 e um espesso labirinto de vontades.
 13 de outubro de 1969
 Caso do Sol, Campinas. (ABREU, 2012, p.21)

Percebe-se nesse poema uma relação erótica entre dois corpos, que não se sabe ao certo de quem são esses corpos. Nos quatro primeiros versos há uma vontade de estar junto ao outro corpo que ultrapassa os limites do ser, em que um corpo cabe exatamente dentro do outro, pois o desejo é aflorado. Já nos quatro últimos versos, observa-se a não realização desse desejo, com muita vontade, mas de certa forma difícil de ser concretizado. “A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor [...]” (FOUCAULT, 1988, p.13). Qualquer forma de relacionamento proibido gera uma tensão, que as vezes pode não se concretizar devido a mesma. O sexo desde a infância é visto como um assunto proibido, em que muitas pessoas até hoje o vê como a função reprodutora do ser humano.

Na década de 1970, época do auge da Ditadura Militar no Brasil, e ao mesmo tempo, época de maior produção escrita do autor Caio Fernando Abreu, encontramos em seus poemas traços de um erotismo explícito com desejos aflorados, escandalizando a sociedade repressora. No sétimo poema dessa década temos a poesia intitulada “Ferver 77°”, a qual retrata o lado erótico e metafórico do autor.

7 – FEVER 77°

Deixa-me entrelaçar margaridas
 nos cabelos de teu peito.

Deixa-me singrar teus mares
 mais remotos
 com minha língua em brasa.
 Quero um amor de suor e carne
 agora:
 enquanto tenho sangue.
 Mas deixa-me sangrar teus lábios
 com a adaga de meus dentes.
 Deixa-me dilacerar teu flanco
 mais esquivo
 na lâmina de minha unhas.
 Quero um amor de faca e grito
 agora:
 enquanto tenho febre.
 14 de janeiro de 1975. (ABREU, 2012, p. 42).

Ao analisarmos essa poesia no primeiro e segundo verso já percebemos o traço erótico explícito. Em “entrelaçar margaridas nos cabelos do teu peito” nota-se a existência de um personagem masculino com cabelos no peito que está sendo desejado por alguém. No trecho “singrar teus mares mais remotos com minha língua em brasa” existe uma direta relação ao sexo oral, pois a língua está quente como brasa e desejando chegar em mares mais longínquos.

No verso “quero um amor de suor e carne agora: enquanto tenho sangue” pode-se fazer a leitura do ato de ter sangue, como sendo ter vida, estar com o pênis cheio de sangue e, conseqüentemente, ereto. Relação sexual masoquista é posta com o trecho “sangrar teus lábios com adaga dos meus dentes” e “dilacerar teu flanco mais esquivo na lâmina de minhas unhas” e por fim um desejo tão grande, tão ardente que o eu lírico está sentindo febre. Essa análise nos remete a Foucault (1988) quando acentua: “[...] o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e promessa de uma certa felicidade, estão ligados entre si.” (FOUCAULT, 1988, p. 13). Voltamos a discutir sobre a temática do sexo para além de uma prática de reprodução da espécie. O sexo, principalmente para as mulheres ainda é visto como algo oculto, que não pode ser discutido em um grupo de amigos, como troca de experiências e relações de satisfação de prazeres da carne.

Ainda na década de 1970, há outro poema de mesma temática envolvendo um amor mal correspondido, sofrido, porém muito desejado. Essa poesia não tem título e recebe a numeração 23.

23
 não desvie os olhos
 me olhe

esta cara que trago
 é justamente
 esta cara que trago
 do que sobrou da viagem
 tome um trago
 me olhe
 não desvie os olhos
 de dentro dos olhos
 esta cara que é minha
 é o que restou
 dos naufrágios
 de todas as ventanias
 de todas as calmarias
 de todos esses contatos
 imediatos ou não
 me olhe
 não desvie os olhos
 de dentro e fundo de mim
 veja o resto
 conte o saldo
 depois me mate
 me cuspa me acuse
 ou me recuse
 então quem sabe
 me goze
 bem fundo
 no fundo de mim
 22 de novembro de 1978. (ABREU, 2012, p. 59).

Nessa poesia encontramos um eu-lírico que está desiludido e suplica pelo amor do outro. Nos versos iniciais ele compara sua cara ao um trapo depois de tanta viagem, tanta luta: “esta cara que trago o caco o mapa o trapo”. A seguir ele suplica atenção do outro, que não sabemos ao certo quem é: se trata de outro homem ou uma mulher. Em “Não desvie os olhos de dentro dos olhos [...] me olhe não desvie os olhos de dentro e fundo de mim”, percebe-se a suplica pela atenção, ao pedir que o outro olhe nos olhos e por fim esse eu-lírico quer o outro de qualquer forma, mesmo que ele o rejeite e termine com ato sexual em si. No verso “me mate me cuspa em acuse ou me recuse então quem sabe me goze bem fundo no fundo de mim”, destaca-se traços do erotismo mais evidente.

Barcelos (2006) afirma que uma primeira forma de abordagem da relação entre literatura e homoerotismo constrói-se pelo viés temático. Trata-se de identificar, circunscrever e analisar temas e subtemas homoeróticos nos textos literários. Não obstante ao viés apenas homoerótico, mas em uma perspectiva mais abrangente do erotismo como um todo, devemos abordá-lo fazendo uma relação direta entre a vida e a literatura.

As relações homossexuais são carregadas muitas vezes pelo estigma de algo que não dará certo, ou como algo promiscuo, apenas para satisfação das necessidades biológicas e fantasias sexuais. A poesia que analisaremos a seguir, ainda escrita na década de 1970, também não possui título, apenas a numeração 29.

29

[...] vou pedir mais um copo, acender a última baga,
 Cheirar a derradeira e berrar frenético
 que não tem conta as punhetas que bati por você
 que não tem conta as cartas de amor que não mandei
 [...]e essas coisas tontas que a gente faz
 Quando anda cego de amor ou de tesão,
 nunca se sabe
 [...]quando te pegar de jeito no meio da praça
 no canto do bar na cama do apartamento
 [...]Depois, darei um suspiro de alívio
 E nunca mais te olharei na cara.
 21 de junho de 1979. (ABREU, 2012, p.77).

Na estrofe inicial, nota-se a existência da droga ilícita ao acontecer o encontro entre os dois, supostamente dois homens. Esse poema se parece muito com a escrita de uma carta, na qual ele quer declarar publicamente seu amor ao outro em um bar. Apenas ele quer ter um momento sexual com o outro e depois disso nunca mais olhar na cara. Não quer saber mais do outro, apenas usá-lo. Barcelos (2006, p.63) defende que “a abordagem dos textos literários que, de algum modo, se reportam ao homoerotismo pode e deve abrir-se a uma visão abrangente da realidade histórico-social e cultural na qual esse homoerotismo é ou foi colocado em discurso, na medida mesma em que é ou foi vivido.” Os textos que tratam dessa temática homoerótica devem ser analisados pela crítica com algo natural, retratando a realidade da sociedade da época em que foi escrito, pois como sabemos desde os tempos mais remotos sempre existiram indícios de relação entre pessoas do mesmo sexo.

O poema em análise trata de um erotismo que critica a religião católica ao mencionar alguns santos e fazer referência aos atos sexuais. A poesia a seguir também foi escrita da década de 1970 e tem como título “Obsceno”.

27- OBSCENO

Atrás da janela
 vejo passar os homens que nunca serão meus
 todas as tardes
 cuidadosamente escondido entre as cortinas
 vejo passar e passar os homens da cidade
 com camisas abertas sobre os pelos suados
 onde vezenquando se embaraçam medalhinhas

de São Cristóvão ou Santa Teresinha
 amém
 virgem, vadia, cadela, puta velha cansada
 dessas que já provaram todos os prazeres
 por todas as bocas, por todas as camas[...].
 10 de junho de 1979. (ABREU, 2012, p.74)

Nessa poesia ocorre explicitamente a relação homoerótica gay entre dois homens através do desejo. O eu-lírico ao olhar os homens passando com a camisa aberta, desperta seu desejo para com eles: “vejo passar os homens que nunca serão meus [...] escondido entre as cortinas[...] com camisas abertas e pelos suados”. Além disso, percebe-se a crítica destrutiva à igreja católica ao relacionar Santa Teresinha como “virgem vadia, cadela, puta velha cansada, dessas que já provaram todos os prazeres de todas as bocas, por todas as camas[...]”. O sexo é colocado aqui como algo proibido, apenas um desejo ocultado na primeira, e na segunda colocado em questão referenciando uma divindade cristã. Nesse contexto, Foucault destaca: “seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado – e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era ‘condenado’[...]” (FOUCAULT, 1988, p.12). Podemos refletir essa questão através da afirmação que a igreja católica e diversas religiões sempre proibiram o sexo antes do casamento, e pregam em seus rituais que quem pratica o pecado da carne, não conseguirá a salvação. Isso faz com que as pessoas menos instruídas ou influenciáveis se tornem discípulas desse tipo de dogma.

Durante muito tempo, não obstante a época de produção dos poemas do autor Caio Fernando Abreu, falar em sexo e prazeres carnais, fantasias sexuais eram algo não visto com bons olhos e Foucault nos apresenta isso como fruto de um discurso de poder repassado de geração a geração, reproduzido e engavetando os desejos das pessoas. Como sabemos, o ser humano é moldado conforme sua cultura, suas crenças e desejos, apesar de muitos deles serem coibidos.

De cunho mais romântica e também erótica, destaca-se a poesia 38 que recebeu o título de “Ivan”, escrita na década de 1980. Acentua-se, nessa poesia, a presença do desejo do corpo e indícios de uma aceitação amorosa.

38 – IVAN
 palmo a palmo
 no teu corpo de menino
 minha luz guia
 vida justificada
 amor: esse é teu nome

eu mal sabia
 das vastidões guardadas
 feito estrelas
 em nossas bocas
 quando se encontram
 18 de agosto de 1983. (ABREU, 2012, p. 144).

A nomenclatura “corpo de menino” presente no poema nos remete a um certa intimidade entre o eu-lírico e outro, pois ele trata carinhosamente seu corpo como o de um menino, o chama de amor, diz que esse é seu nome e termina falando das imensidões guardadas, ou seja, do desejo guardado e que é realizado quando suas bocas se encontram.

Para Caio Fernando Abreu, a escrita deveria acontecer como se fosse uma filmagem, onde se tem uma visão do todo, mas filmamos apenas partes desse todo, e filtrando o que mais lhe interessa, ajustando diversos ângulos, buscando aquilo que melhor retrata o todo. O autor acreditava que, a arte literária e as outras artes são capazes e mostrar a realidade e até modificá-la. (WELTER, 2016).

Caio Fernando Abreu compactuava com a ideia de Proust para quem “somente pela arte, continuava Proust, podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, cuja paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes.” (COMPAGNON, 2011, p.21). Nota-se que as expressões artísticas, não só a literatura, trabalha com o subjetivo e esse fato aborda as questões inconscientes, tratando dessa forma melhorias ao modo de entender e ver o mundo e as pessoas que nos cercam.

A preocupação de mostrar a realidade nos escritos de Caio Fernando Abreu, apesar de ser de forma metafórica é evidente. Há uma descrição minuciosa da realidade e, ao mesmo tempo obscura, com o “não dito” como estratégia de dizer nas entrelinhas o que a sociedade queria colocar para fora aquilo que a afetava. Nesse âmbito, Adorno (2003) argumenta que o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido. Para o autor a composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal.

Sobre a relação entre literatura e autor, a representação da realidade Compagnon (2011) nos diz que “o texto literário fala de mim e dos outros; provoca nossa compaixão, quando lemos, nos identificamos com os outros e somos afetados por seu destino, suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente nossos” (COMPAGNON, 2011, p. 48 – 49). Sendo assim, compreendemos que a relação

intrínseca entre autor, literatura e sociedade, relação essa defendida por Compagnon, explicando a ligação entre representar aquilo que fala do “eu” e ao mesmo tempo fala do outro, ao falar dos seus sentimentos como felicidade e sofrimentos, está automaticamente falando os sentimentos de outrem.

O viés erótico presente na obra procurou apresentar como o autor o constrói em sua poesia. Além disso, apresentou como o eu-lírico pode ou não externar seus desejos e pensamentos, pois esses são reprimidos ou cerceados. Os poemas nos mostram como eles buscam alterar suas realidades.

Parece que a poesia em geral originou-se de duas causas, ambas com profundas raízes na natureza humana. Primeiro, o instinto de imitação arraiga-se no homem desde a infância, sendo que a diferença entre eles e os outros animais consiste em que ele, entre as criaturas vivas, é a mais imitativa e por meio da imitação obtém os primeiros ensinamentos; e não menos universal é o prazer ocasionado pelas coisas imitadas.(TEIXEIRA, 2003, p.43).

Uma vez que o texto é autobiográfico, importante lembrar que a temática de cada poema foi construída com base em experiências reais, retratando a vida do autor e demais pessoas que viviam na época. O próprio Abreu (2015) afirma: “Li várias vezes. Na primeira, chorei de emoção – por que ele reabilita todas as vivências que *eu* tive nesta década. Claro que ele fala de uma geração inteira, mas daí saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração.” (ABREU, 2015, p. 220). O autor Caio Fernando Abreu, retratou em seus escritos diversas pessoas, pois não se restringia a apenas um cenários ou tipo de personagens, principalmente em seus contos, com temáticas diversas, retratando as mais variadas atitudes e sentimentos, como o amor, o sexo, o desejo, o medo, a loucura, morte, tristeza, solidão e tantos outros, sentimentos esses que tornam-se a cada dia mais intenso na sociedade capitalista, e avulsa a sentimentalismos.

A erotização é representada de diversas formas, seja pela falta de realização do desejo em si, seja só pelos pensamentos. Algumas poesias relatam também, a enfadonha rotina da vida dessas pessoas, em especial quando não tem mais esperanças de melhorias em suas realidades, aceitando a realidade presente com desesperança. Sobre poesia Lins enaltece:

Devemos levar assim, para a compreensão dessas *poesias* os nossos recursos de emoção e espírito crítico. Logo dominaremos aquele aparente estorvo dehermetismo, ilogicidade e complexidade. Tudo se resumindo na clarividência e no sensibilidade do leitor, que não deve confundir ‘sentido

poético' com 'sentido lógico', que deve aceitar a obra de um poeta como uma visão metafórica e não naturalista. Outra circunstância a levar em conta é a natureza humana do poeta diante da qual nos colocamos. Para os que vêem claro dentro do mundo, para os que se põem à luz do sol, a poesia será objetiva e límpida, para os que avançam nas trevas, para os que vêem se debatendo dentro da noite e dos mistérios sombrios a poesia há de ser subjetiva e densa. (LINS, 1963, p.24)

Pode-se considerar a literatura dita marginal como uma forma de dar voz aos indivíduos silenciados, que mesmo tentando expressar aquilo que os afligem, não realizam de forma efetiva, sempre bloqueados pelo medo, repressão, censura, preconceito e discursos ditatoriais de poder.

Vemos que a literatura marginal, aqui representada através da obra *Poesia Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, mostra-nos sujeitos considerados subalternos em uma época de extrema proibição, de ideologias divergentes. Tais ideologias são metaforicamente representadas por poesias diversas com histórias variadas que fazem referência à realidade vivida por aqueles que foram e são silenciados até hoje.

Interessante notar que tanto as poesias como as personagens das obras de Caio Fernando Abreu, geralmente, não são nomeadas, “outras personagens femininas de Caio, muitas não nomeadas (outra característica peculiar), vivem no limite dos sentimentos exaustivos e da eterna busca de prazer e companhia do amor, jamais alcançados” (CANDIA, 2011, p.69). Esse fato nos traz a evidência de subalternidade, não só as personagens femininas, as masculinas também são pouco nomeadas, geralmente são homens gays. O subalterno é anônimo, socialmente invisível, quando assume sua sexualidade ou suas posições abertamente, deixa sua posição de subalternidade e passa a incomodar como as personagens de suas obras.

É de grande valia discutir sobre as literaturas ditas subalternas, para que os autores que produzem obras assim classificadas sejam conhecidos e de alguma forma tornem-se relevantes perante a sociedade. Portanto, se nos privarmos de falar sobre a questão dos subalternos, seja na literatura ou na sociedade em geral, estamos contribuindo para a manutenção e permanência dos discursos de poder, que são excludentes e majoritários.

3 REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ABREU, Caio Fernando. **Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.

ADORNO, T. W. Palestra sobre lírica e sociedade. In. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: editora 34, 2003. p. 65-89.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo Em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. p. 441.

CANDIA, Luciene. **As Cartas Epifânicas de Caio Fernando Abreu: A Escrita de Urgência**. Tangará da Serra, 2011. 108f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

TEIXEIRA, Ivan. **Literatura como imaginário**: introdução ao conceito de poética cultural. Revista Brasileira: Revista da Academia Brasileira de Letras, fase VII, ano X, n. 37, p. 43-67, out./dez. 2003.